

Em Freud: a fundação e os fundamentos¹

Simone Accetta Groff², Porto Alegre

Introdução

O presente trabalho é fruto de uma apresentação realizada na Jornada Anual da Constructo, na qual trabalhamos sobre os fundamentos da psicanálise em Freud e autores pós-freudianos. A obra freudiana foi sendo edificada ao longo de aproximadamente quarenta e quatro anos, em consonância com a vida pessoal de seu fundador, durante a qual se passam e se entrelaçam, nessa construção, importantes acontecimentos mundiais e pessoais.

O trabalho é um recorte sucinto que privilegia alguns constructos metapsicológicos dessa obra fenomenal e, ao mesmo tempo, lança luz sobre alguns momentos da vida de Freud, tomando por base a biografia escrita por Peter Gay.

O nascimento da psicanálise foi um dos acontecimentos mais importantes do final do século XIX. A descoberta freudiana do inconsciente e da sexualidade infantil e seu correlato, o fenômeno da transferência,

1 Conferência proferida na Jornada Anual de 25 anos da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicanalista, cofundadora da Constructo e diretora de ensino, docente e supervisora do curso de formação em psicanálise. Docente e supervisora do curso de formação em psicoterapia psicanalítica da associação GAEPSI.

constructos que mudaram para sempre o mundo e o modo de viver do ser humano, foi talvez apenas comparável à revolução produzida por Einstein na física, com sua teoria da relatividade geral, publicada em 1915.

Parte 1: Recordações

Foi na biografia de Freud, escrita por Peter Gay, que encontrei interessantes recortes de acontecimentos e lembranças que são verdadeiros tesouros para descrever e compreender a trajetória deste tão precioso descobrimento freudiano (pulsão e inconsciente). Os constructos se desenham desde sua origem em sua curiosidade infantil com base na qual suas elaborações teóricas foram se inspirando e delineando.

Conta Freud a seu amigo íntimo Wilhelm Fliess que *sua libido em relação a matrem havia se despertado entre os dois anos e dois anos e meio*, durante uma viagem de trem, quando tivera a *oportunidade de vê-la nudam*. Nesta recordação, nos diz o biógrafo, há um equívoco em relação às datas, pois esta visão seria corrigida por Freud, que retifica que o acontecimento teria ocorrido, em realidade, por volta dos seus quatro anos, época em que sua pulsão voyerista já se encontra fortemente investida e que, devido à intensa excitação produzida pela visão, poderá ter sido deslocada para época mais precoce. O episódio poderá ter sido tão excitante que Freud teria utilizado o latim para narrá-lo... um desvio atenuante de linguagem, de época... A importância da jovem e linda mãe que sempre povoou as lembranças da infância e a descrição de um pai de pouca força e idade avançada podem ter sido palco para o intenso desejo e ambição do menino predileto dessa família de seis filhos.

Na casa de poucos cômodos, que abrigava o irmão caçula Alexander, as cinco irmãs e os pais, Freud tinha para si, e de domínio privado, um

escritório abarrotado de livros. O piano de Anna haveria de dar espaço ao silêncio solicitado para os estudos do filho prodígio.

Outra lembrança relatada com certa imprecisão é a cena na qual o menino Freud teria, aos sete anos, invadido (não é clara a cena), por curiosidade, o quarto dos pais, e urinara naquele momento por excitação. O pai o teria chamado à atenção, exasperado, tendo dito ao filho que *ele nunca chegaria a nada*. Freud, já psicanalista, conta que aquela abominação do pai o perseguira por anos, fora um golpe terrível em sua ambição.

Chama a atenção que, ao longo de sua obra, Freud tenha afirmado tantas vezes ser a mulher um continente obscuro, inexplorado, ainda que a maior parte de suas pacientes fossem mulheres, que sua teoria tenha especialmente nelas se apoiado e o que chama de inexplorado tenha sido matéria prima para a constante descoberta e criação de uma teoria para a investigação da alma. Freud psicanalista apontaria como a verdadeira fonte da investigação científica a curiosidade sexual. Pulsão, transformada em investigação. Essa bem-sucedida operação de transformação em Freud, do menino curioso para o psicanalista, explicaria a atração pela pesquisa, a voracidade pelos livros e a ambição que mantinha, somados ao encantamento recíproco entre a bela e jovem mãe e o filho considerado prodígio.

Parte 2: Interlocutores (nesta fundação e nestes fundamentos)

Acompanhado inicialmente por figuras masculinas, algumas claramente representantes paternos idealizados e potentes, Freud foi construindo seu arcabouço teórico e metodológico através da permanente discussão de suas descobertas. A ocorrência de fortes divergências e rompimentos com seus interlocutores foi bastante frequente ao longo de sua trajetória.

Por mais de uma década, Breuer houvera de ser para Freud um importante apoio tanto afetivo quanto financeiro. Com Breuer vieram os estudos sobre a histeria, entre os quais o famoso caso de Anna O, cujo verdadeiro nome é Bertha Pappenheim. Com Bertha, vem à tona a natureza sexual de seus sintomas alucinatórios, suas dificuldades na fala, as paralisias... A paciente de Breuer obrigou-o à mudança de método, trocando a hipnose pelo que foi denominado pela própria paciente como *a limpeza de chaminé*, inaugurando o que viria a ser a associação livre dos anos seguintes. À medida que o tratamento com Bertha evoluía, foi encenando-se o teatro transferencial de seu enamoramento pelo médico, o que despertou em Breuer os antigos anseios edipianos latentes pela mãe, que ironicamente tinha o mesmo nome. Não havia condições para dar seguimento ao tratamento. Breuer considerou o caso de Anna O. *demasiado absorvente e francamente embaraçoso*.

Há indícios para se pensar que o evento embaraçoso e mal finalizado, a manifestação francamente apaixonada de Anna O. por Breuer haveria de ser um dos enigmas que impulsiona Freud em seus próprios casos e que vem a ser decifrado algumas décadas depois em seu famoso caso, igualmente mal terminado, com a paciente Dora: a descoberta do fenômeno da transferência.

O afastamento de Freud em relação a Breuer aí se inicia, e as divergências entre ambos envolvem tanto suas respectivas teorizações quanto questões da vida cotidiana. As idealizações, como sabemos, estão fadadas a desvanecer, e a decepção com o antigo protetor acaba por selar o término dessa relação.

Nesse período, já se iniciava a troca de correspondência com Wilhelm Fliess, seguindo nas descobertas sobre a neurose. A erudição e a cientificidade do pensamento do médico alemão serviam muito bem ao espírito curioso de Freud.

A correspondência com Fliess abarca dezenas de cartas trocadas durante uma década, incluindo manuscritos acerca da etiologia das neuroses, da angústia, da melancolia, da paranoia, casos clínicos, sonhos e formulações sobre o aparelho psíquico.

Mas a amizade com Fliess também teve seus revezes, pondo fim a uma fecunda interlocução teórica, da qual despontaram descobertas e produções de valor inestimável para a psicanálise.

Tornaram-se indissipáveis as divergências teóricas entre ambos, culminando com a acusação de Fliess a Freud de um roubo de ideias. Fliess acusa Freud de ter falado a um paciente sobre suas ideias acerca da bissexualidade, o qual haveria de levar a Otto Weininger (filósofo austríaco), que fala de suas ideias em livro publicado antes de que Fliess possa fazê-lo. Fato que Freud não pode negar. Esse evento torna insustentável a relação entre ambos.

A relação de amizade entre Freud e Pfister se inicia (1909) a partir de artigos deste último a respeito do suicídio de meninos em idade escolar. Segundo Gay, Pfister *empregava a psicanálise para auxiliar membros de seu rebanho, ele e Freud discutiam sobre os pacientes e debatiam de modo franco e amigável as questões que os dividiam, sobretudo a crença religiosa*. Freud sempre se declarou um ateu. *Pfister fora corajoso, pois seu protestantismo psicanalítico pouco dogmático chocou-se contra a instituição teológica suíça, e durante alguns anos o perigo de perder sua paróquia foi muito real. Encorajado por Freud, manteve sua posição... este comentou com Freud: sem a análise, há muito eu teria sucumbido.*

Com Lou Andreas-Salomé, ensaísta e filósofa russa, é dado o encontro, em um Congresso de psicanalistas de Weimar em 1911. Essa mulher madura, de espírito livre, que defendia ideias antiburguesas, sentiu-se atraída pelo pensamento de Freud e lia à sua maneira seus escritos psicanalíticos.

Abraham, que veio a conhecê-la em Berlim, disse a Freud que nunca antes havia encontrado uma tal compreensão da psicanálise. Foi a partir desse encontro que Lou passou a fazer parte do seletivo grupo das reuniões das quartas-feiras da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Parte 3: Fundamentos

No final da década de 1890, mobilizado pela perda do pai, Freud se dedica mais à autoanálise, traçando um caminho para as suas próprias profundezas, o que o levou a várias descobertas pessoais, como aquela referente ao conflito edípico, a revisitação de seus conflitos infantis especialmente acessados através da análise de seus sonhos, a observação e estudo de suas neuróticas, a interlocução permanente com seus pares. Todos esses fatores foram influenciando a construção de sua teorização acerca da etiologia da sexualidade nas neuroses, assim como a importância concedida às vivências infantis nessa etiologia. É um tempo muito produtivo e vigoroso da obra freudiana.

Em 1900, é publicado o livro *A interpretação dos sonhos*, muito influenciado pela análise de seus próprios sonhos, em especial o sonho de Irma, no qual se vê confrontado com suas moções de desejo inconscientes. Nessa obra, Freud faz uma detalhada análise de seus conflitos, o que há de comprovar a ideia de que os sonhos são a realização de desejos.

O trabalho de interpretação dos sonhos foi a descoberta fundamental que funda a psicanálise e na qual Freud faz referência à revelação de um material bruto que se encontra até então inconsciente e incapaz de se fazer conhecido sem o auxílio da interpretação, que se inaugura como técnica a partir das associações de suas pacientes histéricas. O simbolismo do sonho atesta a complexa capacidade de memória do sujeito e, a partir desta constatação, o

sonho é utilizado como um modelo para a compreensão do funcionamento mental.

O texto de Freud nos leva ao entendimento de que é através de três níveis de regressão (tópica, temporal e formal) que se faz possível o trabalho de sonho, no qual o aparelho em estado de sono reinveste alucinatoriamente o material bruto das marcas mnêmicas, reavivando as imagens da percepção para, então, conceder figurabilidade a pensamentos que expressariam a satisfação do desejo infantil (Gazeta, n. 11).

Com base nesse funcionamento, o sonho seria considerado uma via régia de acesso ao inconsciente através de ser uma escritura psíquica.

Vale lembrar que o sonho é sonhado por sonhar, numa alusão à não-intencionalidade e à única função, que é servir à regulação psíquica, a ideia genial de Freud, de sua interpretação, perverte sua função original e eleva o sonho a condição de um dos mais relevantes instrumentos do método analítico. O modelo de funcionamento mental apresentado por Freud no livro dos sonhos é o fundamento sobre o qual repousa a teoria psicanalítica e o trabalho analítico.

Na análise do sonho desequilibra-se o que foi refinadamente equilibrado, sendo, portanto, sumamente necessária a total participação comprometida do analisando no processo. O enquadre, a solicitação à livre associação ao analisando e o trabalho analítico em transferência abrem o caminho para a análise dos sonhos. Nessa operação, o analisando, a partir de suas próprias indagações e teorizações, vai fazendo o minucioso trabalho de separar os elementos condensados em imagens, que encobrem os pensamentos latentes que são proibidos pela censura exercida pelo sistema pré-consciente-consciente. Portanto, é trabalho psíquico de esforço que requer que a tópica dos começos seja revisitada, promovendo um embate entre as forças de

ligação e as forças de desligação dentro do sujeito, sendo, assim, um balizador para o analista, indicando as diferentes correntes psíquicas que atravessam o sujeito, na medida que o trabalho do sonho, irá demonstrar os níveis de funcionamento do aparelho, dentro do eixo simbólico e no registro da condição à figurabilidade que aquele sujeito possui.

Em 1905, é publicado *Três Ensaios sobre a sexualidade infantil*.

Nessa época, Freud combate com energia a moral sexual convencional de uma Viena burguesa, defendendo uma vida sexual mais livre. Ele condena o caráter indissolúvel do casamento e descreve as consequências psíquicas de uma libido sexual não satisfeita.

Nos *Ensaio*s, Freud descreve a sexualidade polimorfamente perversa da criança e seu contínuo deslocamento para as diferentes zonas erógenas do corpo, afirmando que as atividades autoeróticas constituem na verdade o início da vida sexual posterior e normal. Os ensaios desse texto foram considerados por Freud como um divisor de águas entre aqueles que aceitavam sua teoria da libido e aqueles que ainda resistiam conceder existência à sexualidade infantil. Nele, Freud aponta o emaranhado das vivências eróticas infantis que é sufocado no caso das neuróticas, cujos sintomas constituem uma espécie de atividade sexual do paciente, *um estado incompleto de um desenvolvimento resultante de conflitos infantis não resolvidos*.

Neste texto, ele faz, ainda, referência à amnésia infantil e aos poderosos freios emocionais desenvolvidos no período de latência, como a vergonha e a repugnância, que, no melhor dos cenários, serão transformados na vida adulta em normas morais e atividades culturais sublimatórias.

Em *Três ensaios*, são apresentados os gérmenes dos escritos sobre a

metapsicologia de 1915: recalçamento, pulsão e inconsciente, constructos que serão desenvolvidos e complexificados ao longo da obra.

Cabe também ressaltar que os *ensaios* apresentam ideias nada conservadoras à época, no que diz respeito tanto à sexualidade quanto às perversões e à homossexualidade. Freud afirmava que a fixação sexual em objetos iniciais que ocorria nestes casos, seja na forma de fetichismo ou homossexualidade, não deveriam ser tratados como crime, pecado ou doença ou qualquer forma de decadência, como visto na época. Isso soava bastante subversivo e pouco burguês e, por essa razão, Freud sofreu resistência e até um certo isolamento pela classe médica da época. Sabemos que as ideias sobre a homossexualidade, as perversões e o fetichismo seguiram sendo desenvolvidas e modificadas em textos posteriores.

Em 1905, é publicado o famoso caso Dora. A descoberta da transferência vivida embaraçosamente por Freud com essa paciente veio a ser estudada e articulada ao restante da teoria, principalmente nos textos técnicos de 1912. Freud nos coloca: *as moções inconscientes não querem ser recordadas como a cura o deseja, senão que aspiram a reproduzir-se em consonância com a atemporalidade e a capacidade de alucinação do inconsciente. Como no sonho, o enfermo atribui condição presente e realidade objetiva aos resultados do despertar de suas moções inconscientes: quer atuar (Agieren) suas paixões sem atender a situação objetiva real.*

Sabemos da importância da repetição transferencial e da potência de sua interpretação pelo analista no processo de cura.

Freud cunhou o termo “neurose de transferência” quando vivenciou, em sua clínica, a impressão de “uma neurose recém-criada e recriada”, que substituiu aquela pela qual o paciente busca o tratamento. Essa nova versão da antiga neurose teria a vantagem de se ter visto nascer e crescer durante o processo

de cura e de o analista encontrar-se no âmago da atual sintomatologia. Os sintomas do paciente se incorporam a um sentido novo que recria o sentido originário e se desenvolve em torno da figura do analista. O domínio dessa neurose artificial, através de sua interpretação ao paciente, coincide com a finitude da enfermidade, como nos afirma Freud.

O encontro analítico no âmbito das dominâncias neuróticas situa o analisando na lógica do princípio de prazer e no eixo da angústia de castração, oferecendo as melhores possibilidades para o uso do método analítico e para a processo de cura em neurose de transferência. O legado freudiano sobre a transferência no trabalho analítico com pacientes neuróticos é de valor inestimável.

Referências

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a sexualidade infantil. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994

FREUD, S. (1912). Sobre a dinâmica da transferência. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e reelaborar. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

FREUD, S. (1917). Conferência 27 - A transferência. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

GAY, P. *Freud. Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GROFF, S.A. Entrevista com Simone Accetta Groff. *A Gazeta*, n. 11, jun. 2020.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Déborah Jasmine Dalcol**

Simone Accetta Groff

R. Dom Pedro II, 1220/206 – São João

90550-141 – Porto Alegre – RS

simoneaccettagroff@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise